

VIRGILIO COSTA



POEMAS POUSADOS EM ARTE

(ÉCFRASES)

ÉCFRASE – Poema que fala de uma pintura ou outra obra de arte, real ou imaginária.

SUMÁRIO

Ícaro, de Bruegel
Os Caçadores na Neve
O Casamento, de Bruegel
O Flautista de Manet
O Amador, de Daumier
Senhores Pintores
Rembrandt
Autorretrato de Rembrandt
Senhores Pintores
Chartres I
Chartres II
Chartres III
O Labirinto (Jogo de Amarelinho)
A Madona da Cadeira
Chagall
Oração para Antes de Pintar
A Pedra (O Escravo de Michelangelo)
A Batalha de Ucello
Vermeer
Michelangelo
A Vila dos Mistérios
A Vênus de Willendorf
Giotto
Sobre um Quadro de Vieira da Silva: *Sirènes*
A Proa de Samotrácia
O Burguês de Ingres
O Medusa
A Acrópole de Atenas
O Parthenon
O Templo de Ártemis
Ex-voto para Artemis de Éfeso
O Pássaro

POESIA E PINTURA

Este livro contém poemas meus e imagens de pinturas e outras obras de arte nas quais eles se inspiraram.

Os poemas são exemplos do que se chama, eruditamente, *écrases*. Uma das boas definições de *écrase* é “*poema que fala de uma pintura ou outra obra de arte, real ou imaginária*”.

Pintores e pincéis, poemas e versos, são o meu ofício e o mundo com que vivo e convivo, tão próximo quanto meu relacionamento com os outros seres humanos e a sociedade.

Voltemos um pouco atrás no tempo.

Desde adolescente desejei ser pintor.

Comecei limpando pincéis de alguns pintores e artistas. A primeira vez que peguei num carvão foi no ateliê de um pintor brasileiro, Waldemar da Costa, que morava em Lisboa, onde eu também morava, com meus pais. Voltando ao Brasil, fiz gravura na Escolinha de Arte do Brasil, com Marília Rodrigues: eram lindas as placas na bandeja de ácido, cobertas de pequenas bolhas, limpas com uma pena, mágica a imagem no papel saindo da prensa.

Naquela época, a pintura abstrata parecia ser o caminho final e definitivo da pintura. A evolução da obra de Picasso talvez indique esse impasse, por ele magistralmente resolvido, mantendo sempre a figuração, ainda que deformada e reformada. Também Cícero Dias (que conheci em Paris e gostava de meus desenhos), que começou sua obra de grande pintor com uma arte algo surrealista algo ingênuo, e evoluiu para uma abstração repetitiva, tendo depois que tentar voltar em seu próprio tempo, quando se deu conta do equívoco (aliás, ele tinha muito orgulho de ter o telefone de Picasso registrado em seu nome, por conveniência do pintor espanhol).

Mais tarde, eu ia no ateliê de Djanira, em Santa Teresa; era perto de minha casa, e ia a pé. Frequentei também a oficina de Abelardo Zaluar. Assisti a cursos de restauração e conservação de Edson Motta, na Escola de Belas Artes. Mais tarde ainda, vi Carlos Scliar pintar em sua casa ateliê de Cabo Frio.

Não encontrava então, porém, um curso atualizado de artes plásticas, como há vários hoje (aliás fruto da multiplicação das universidades brasileiras); a Escola de Belas Artes se encontrava ainda no tempo do neoclassicismo da Missão Francesa.

Inseguro de meu ofício, tive então a grande fortuna de poder ir estudar em Nova Iorque. Ali fiz um mestrado em pintura, na Universidade de Nova Iorque, que fica no centro do Greenwich Village, junto ao Soho. Entre seus muitos cursos passei um verão em Veneza onde, no muito antigo convento de Tolentini, fiz desenhos de grande formato. Em Nova Iorque, pintava num grande ateliê da Universidade, em andar com pé direito muito alto, de um prédio/armazém entre o East Village e o Soho, com o chão, as paredes e as divisórias encardidas de tinta multicolor, e pintava telas bem grandes. Convivia com pintores e ateliês (“*studios*”). Vários de meus colegas se tornaram ótimos pintores. Também através da universidade, fui aprendiz de Sandro Chia, excepcional pintor, escultor e gravador italiano, em cujo ateliê vi de perto a arte do grande capital. Em outro curso, este da universidade de Eastern Michigan, passei um verão e um outono. Um curso itinerante de literatura, arte e história, que começou em Bruxelas e Londres, e terminou no Egito antigo (20 países, mais de

50 cidades); atravessei a Europa estudando arte, e visitamos a maioria dos principais museus europeus: Paris, Bruxelas, Escandinávia, Rússia, Europa oriental, Alemanha, França, Itália, Grécia. Vimos também os monumentos, a arquitetura e as próprias cidades, que são também uma grande obra de arte, como me ensinou meu posterior orientador do PhD e amigo, Marshall Berman. Sim, fiz um PhD em história da cultura, tanta a insegurança.

Em Nova Iorque fiz algumas exposições individuais e participei de coletivas, no Village e no Soho (onde há mais de 400 galerias: nos Estados Unidos e na Europa é mais fácil ganhar a vida com arte ou literatura, uma vez que a arte está mais integrada ao sistema de produção econômica, e é muito mais consumida, as oportunidades são muito maiores).

Mais tarde fiz também, de volta ao Brasil, exposições individuais de pintura e de desenhos no Rio de Janeiro, Brasília, Roma e Lisboa (só numa delas tiver emoção de vender todos estes trabalhos).

Mesmo com essa muita bagagem não dediquei o tempo que gostaria em realizar meu sonho de pintar e ser pintor.

Dediquei a maior parte do meu tempo a literatura e a pesquisa em história na Casa de Rui Barbosa. Até hoje não publiquei minha tese de doutorado. Gastei muito tempo para conseguir publicar a poesia e prosa completos de meu pai, Odylo Costa, filho, e o teatro completo de meu tio Francisco Pereira da Silva.

A poesia -- na própria poesia, na pintura e na vida -- fez de mim o que quis.

Quantas imagens em meus tão impressionáveis olhos. Algumas permaneceram tanto tempo. Vi tantas vezes a poesia passar de quadros e esculturas para poemas que descrevem ou falam sobre, ou imitam, obras de literatura. Quantos poemas não foram inspirados pelo Grande Sertão: Veredas ou nos poemas de Homero, ou nas páginas na própria bíblia, se a entendermos como literatura?

Poemas descrevendo ou transformando obras de arte reais ou imaginárias.

Voltamos aí às tais écfrases. A descrição de uma pintura outra obra de arte real ou imaginária, como diz a definição. Há muitas delas.

A primeira foi o famoso e lindo escudo de Aquiles, descrito minuciosamente por Homero, na Ilíada. Ao longo do tempo, encontra-se écfrases em todas as literaturas.

São muito conhecidos o Moisés de Miguel Ângelo analisado por Freud, e a lindíssima descrição/análise que Michel Foucault faz de *Las Meninas*, de Velásquez, em *Les Mots et les Choses*, vendo-o como uma metáfora da história moderna. Para mim, porém, a mais significativa delas não é nem uma nem outra.

A que mais me fala é o soneto *Torso Arcaico de Apolo*, de Rainer Maria Rilke:

Torso Arcaico de Apolo
(tradução de Manuel Bandeira)

*Não sabemos como era a cabeça, que falta,
de pupilas amadurecidas. Porém
o torso arde ainda como um candelabro e tem,*

só que meio apagada a luz do olhar, que salta

*e brilha. Se não fosse assim, a curva rara
do peito não deslumbraria, nem achar
caminho poderia um sorriso e baixar
da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.*

*Não fosse assim, seria essa estátua uma mera
pedra, um desfigurado mármore, e nem já
resplandecera mais como pele de fera.*

*Seus limites não transporia desmedida,
como uma estrela; pois ponto ali não há
que não te mire. Força é mudares de vida.*

O fecho do soneto, “força é mudar de vida”, é para mim a melhor definição do que é arte, a essência da arte. Ou seja, aquele momento no qual, como me ensinou Emanuel Carneiro Leão, a imanência se torna transcendência, quando você altera a sua compreensão da vida e do futuro, pois a partir daquilo que vê, você já não é mais o mesmo. Força é mudar de vida. Obedeço.

Certa vez, na oficina de poesia do grande poeta americano Galway Kinnell, dei uma sugestão, um exercício: uma linda aluna sentou-se para posar para o grupo. Não para ser desenhada ou pintada, mas para ser tornada poesia; os resultados foram originais e emocionantes; a emoção “amorosa” de cada um se transformando em emoção estética.

Todo poeta, ao falar da vida, sua ou de outros, da natureza, ou mesmo das idéias, da linguagem ou das próprias palavras, não está, de certa maneira, transformando o que vê ou sente, ou pensa, em poesia? Ou seja, fazendo algo paralelo a uma écfrase?

No meu caso, sei que as pinturas e outras obras de artes, aqui e ali, viraram poemas em minhas mãos. Como, não sei.

Mas aí estão. Vejam só a emoção que dá ver pintura e poesia lado a lado.

Nem todas as pinturas que amo transformei em poesia. Amo muitas, e muitos pintores. Por exemplo, os americanos Hopper, Rothko e Pollock: alguns daqueles que fizeram o centro do mundo da arte se mudar de Paris para Nova Iorque.

Não fui eu que escolhi as obras “ecfrasadas”. Elas é que me escolheram.

Ofereço-as a vocês, leitores, com a mesma emoção que Fra Angelico sentia ao pintar afrescos nas diminutas celas de seus irmãos frades.

E dedico esse livro aos meus maiores amigos, com quem desfrutei em Nova Iorque poesia e pintura: Jon, o poeta e Althea, a pintora.

POEMAS POUSADOS EM RTE



Ícaro, de Bruegel

ÍCARO

Dédalo, grande artesão
para o touro-homem medonho
construíra o labirinto.
Já Ícaro, é puro sonho.

Subiram ao céu pai e filho
para fugir da prisão
penas com cera coladas
em uma leve armação.

Estão no azul tão grande
o pai e o filho voando
apesar do esforço enorme
a liberdade buscando.

Mas Ícaro ágil e mais forte
sente-se livre lá em cima
voa e plana como um pássaro

do sonho-sol se aproxima.

A cera das penas derrete.

Ícaro desaba no mar.

— Livre e morto ao mesmo tempo
a Dédalo só resta chorar.



Os Caçadores na Neve, de Bruegel

OS CAÇADORES NA NEVE

Os caçadores voltam para a aldeia
suas pernas pesadas arrastando-se na neve.
Os cães também cansados, esguios, costas e cabeças abaixadas.
Inverno — a neve cobre tudo.
Embaixo, sob a colina branca,
a vila. Gelo. Neve. Vilões.
Na árvore nua uma voz de pássaro esquecida.
Outro pássaro lançado pelo céu,
Na pintura branca
os caçadores continuam chegando
no movimento parado do tempo.
Para sempre inverno, para sempre a vila,
para sempre caçadores voltando com seus cães.



O Casamento, de Bruegel

O CASAMENTO

O alegre casal, na alegre companhia.
Dia de festa e de risos.

Os camponeses comem, dançam.
Estão felizes.
A noiva sorri em sua grande importância
por um só dia.
Dentro e fora da casa,
a felicidade da comida da bebida e da vida.

Cada rosto nesta pintura
é como uma Bíblia velha
cujas páginas o sol e o vento,
como se fossem mãos sábias
— sábias em sua simplicidade e desconhecimento —,
passou e virou tantas e tantas vezes.

Cada face tem o sal da terra,
cicatrizes e sulcos como a terra tem.
Tem riachos, arados, árvores
e caminhos, caminhos, caminhos,
— porque os rostos e as mãos são feitos de caminhos

e histórias.

Tantas vezes
você esteve comigo.
Por isso digo que você
é uma imagem abençoada
— lição de minha vida
rostos de camponeses
para sempre ao redor de minha mesa
da minha comida, minha bebida
e minha festa.



O Flautista, de Manet

O FLAUTISTA

Quem era não sabia o tal menino.
Sabia que na flauta flauteava
na alma carregava o seu destino
e a música nunca se acabava.

De sons gostava, desde pequenino,
e ouvindo melodias tempo dava
ao tempo que, no entanto, era assassino.

Na flauta uma outra vida ele encontrava.

Dia veio, às armas lhe chamaram.
Batalhões destruíam com granadas
heroísmos atrás de barricadas.

Menino, que cilada te armaram.
Sua flauta era tudo o que ele tinha
– e o som que não sabia de onde vinha.



O Amador, de Daumier

O AMADOR

Olho devagar para belas pinturas
(o pintor, com fome, aguarda a compra).

Olho para belas pinturas
como outros olham para belas mulheres.
Com deslumbramento e inveja.



Monet pintando, de Manet

SENHORES PINTORES

Manet, Monet, Renoir,
Degas, Van Gogh, Gauguin.
Messieurs les peintres:
o que no mundo lhes fez
assim tão cheios de vida?

Quem lhes ensinou esses voos?
Quem lhes deu asas e ventos?
O que lhes deu essa graça
de uma andorinha voando?

— Um sorriso de arlequim?
Olhos grandes de crianças?
O duro trabalho do mar?



Autoretrato, de Rembrandt

REMBRANDT

O homem sorridente
contra o fundo cinza.

A vida é difícil,
mas a pintura é fácil.

Para aquelas mãos
para aquele pincel
que sabe o segredo.



Autoretrato, de Rembrandt

MEU PAI

Do escuro ao claro, do claro ao escuro,
da sombra para a luz, da luz para a sombra,
da sombra à escuridão.

Assim Deus, em sua bondade, passa
pelos homens, escolhendo-os um a um.

É como, num dia nublado, o sol
atravessando as nuvens para iluminar
esta ou aquela casa na cidade,
esta ou aquela árvore no campo.

Da sombra para a luz, da luz à escuridão,
da luz para a sombra, da escuridão à luz;
assim meu velho homem busca a verdade.
Seu rosto traz a marca funda

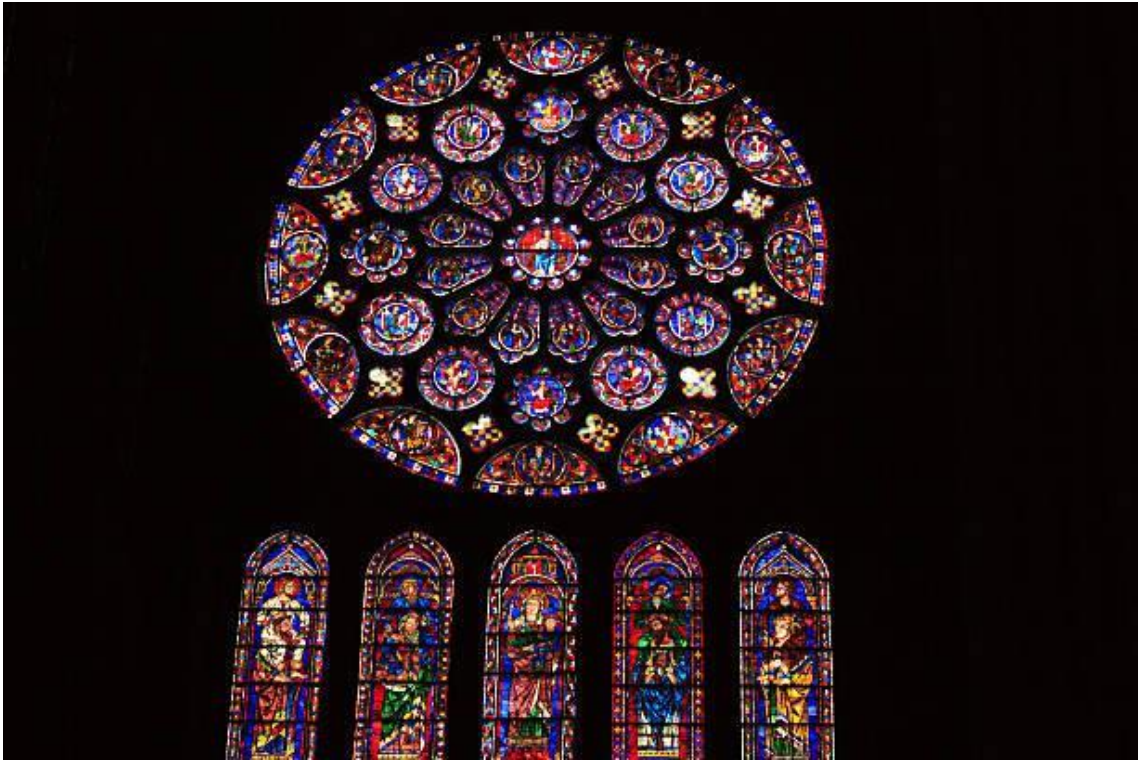
das amarguras da vida
e do peso dos anos.
Mas seus olhos iluminados
têm ironia e zombaria
por saber que é tão inútil
pensar que você sabe.
É vaidoso, mas duro
como a vida é dura, abençoado,
como abençoada é vida.
Vale a pena tentar a travessia:
das trevas à luz, da luz à escuridão
— do escuro para o claro, do claro para o escuro.
O anjo sabe seu caminho.



A Catedral de Chartres vista de longe

CHARTRES - I

Fecho os olhos
e vejo você na distância.
Alta lança no campo de trigo:
as torres da catedral.
Altas tranças de mel.
Pedra da pedra
da pedra de Pedro.
Sua casa.
Flor de flores.
Doce Maria, doce criança.
Ah, mãezinha,
me deixa chorar de saudade
Faz carinho na minha cabeça.
Altas torres,
longa flecha;
rosa das rosas,
verde e cinza em meio ao trigo amarelo.



Vitral da Catedral de Chartres

CHARTRES - II

Abro os olhos
e tudo fica mais escuro.
Tudo é escuridão.

A pesada escuridão.
O sol atravessa
e surgem suas cores,
nascem seus vitrais.

Do escuro onde estou
vejo a luz brincando
nos vidros coloridos.

A rosa, o sol,
a lua e as estrelas
entram em minha solidão.

O labirinto no chão.
Inelutável destino
me segura pela mão
e brinca de amarelinho



A Catedral de Chartres

CHARTRES - III

Os olhos e as mãos do povo:
tudo pedra.
Sangue, alegria, esperma, suor:
tudo líquido.
Povo que acreditou e construiu.

Centenas, milhares,
gerações
de mãos e pés e rostos
construíram juntos
milagre tão grande.

A cada dia brotando sobre almas simples
as luzes e as cores da alegria
de uma vida melhor
de pureza e espírito.



O labirinto da catedral de Chartres

O JOGO DE AMARELINHO

Chegando ao destino da romaria
em frente à entrada verás no chão
em círculo de pedras desenhado
um grande labirinto negro e branco
parecendo uma rosa se abrindo.
Nele entrarás. E, nunca se perdendo
(no meio do caminho uma floresta),
em idas e vindas irás ao centro.
Se aí chegares, chegarás ao Céu.



A Madona da Cadeira, de Rafael

MÃE

Aperta-me em teus braços, mãe
e me protege do frio do mundo.

Afasta o passarinho
que quer comer meus olhos.

Manda chamar João
com seu carneiro branco

para me fazer sorrir.

Espanta os outros meninos
que me jogam água.

Aperta-me em teus braços
e me dá calor.

Protege-me do lenho.
Da pedra e do lenho.

Protege-me dos homens.



A Aldeia, de Chagall

NO INTERIOR DA RÚSSIA

Os quadros de Chagall:
a dourada torre redonda das catedrais ortodoxas
como elmos de metal, ou turbantes, ou bulbos de cebola,
as torres azul profundo semeadas de estrelas
contra o céu cinzento;
as casas coloridas de madeira dos camponeses,
verde, amarelo, vermelho, branco,
com janelas de madeira bordadas como renda,
cercas de madeira rendadas,
subindo e descendo o morro,
nas ruas de terra, no chão de terra.
O velho cavalo puxando a grande carroça vazia
vacas, bezerros e cabritas dos camponeses.
Fantasias, sonhos? Não:

— apenas o retrato delicado e realista
de sua velha mãe Rússia.



Anunciação, de Fra Angélico

ORAÇÃO PARA ANTES DE PINTAR

Senhora,
aqui tens.

Aqui tens minhas pinturas, meus afrescos.
Umas poucas coisas que enchem minhas mãos
nas paredes
dos quatinhos
de meus irmãos.
Para ajudá-los a orar.
Para fazer-te sorrir.
Para ver-te feliz.
Para perceber tua beleza.
Para sentir alegria em meu coração
quando tu me tocas,
e dividi-la com meus irmãos.

Tu me deste.
Dou-te em troca.



O Escravo, de Miguel Angelo

A PEDRA

A pena que à pena me condena
faz chorar o mouro que não morre
que vive sem vontade de viver
que morre de vontade de morrer.

A pena que à pedra me amarra
sem palavras me ata e me castiga.
E pedra e escravo e atado e mudo e cego
o pássaro me visita todo penas.

Água não virá da estéril pedra.
O mouro escravo chora a sua pena
atado ao mundo, mundo atado à pena

de virar em palavras... frio e fígado.
As lágrimas que chora são de pedra.
De pedra todo o mundo e sua pena:

Mar, destino, corpo, vida, sol,
pena, pedra, palavra, pedra, pena.
— E, dentro, um coração de carne viva.



A Batalha, de Ucello

A BATALHA

Em cinzas e ouro
jaz o meu tormento
flâmulas vermelhas
e azuis ao vento.

Lanças e espadas
riscam o céu e o chão
xadrez nas estradas
homens e trovão.

Vinhedos, colinas
terra cultivada
bandos de soldados
viram tudo em nada.

Vilas saqueadas,
ferros, campeões,
heróis de um lado,
do outro, ladrões.

Homens e cavalos,

roupas coloridas;
jogo, movimento
no pomar dormido.

Desenho perfeito,
a vida e a terra
voam na colheita
dos frutos da guerra.

E, terra refeita,
a luta e a cor
cobrem-se de luto
no leite da dor.



Mulher de azul lendo uma carta, de Vermeer

VERMEER

Quanto de uma carta
cabe em uma pintura?
E de uma mulher?
E de uma cidade?
Quanto de uma vida?
Tudo de uma vida, tudo de um espaço,
tudo de um silêncio, num certo tempo,
se o pintor é
Vermeer.

De onde veio a carta?
Quem a enviou?
Que notícias traz?
Marcará um encontro?

Parente distante?
Um irmão na guerra?

Coisas tão silentes
em sua só perfeição;
até a luz toca as cores
em total silêncio.
Mas agora, você sabe, você faz parte
desse mistério silencioso,
dessa vida a mais simples:
e recebe uma carta.

De quem? Que motivos?
Não, não importa.
A carta é para ela;
para nós, silêncio.
Pára o tempo e a vida
Tudo é silêncio e luz,
grãos de luz,
gotas de luz
se o pintor é
Vermeer.



O Dia e a Noite, túmulo de Giuliano de Medici

MICHELANGELO

Entre o anoitecer e a alvorada
segurei meu coração.
Os homens olham uns aos outros
como esculpidos no mármore de carne
e a noite é sempre tão escura!...



A Vila dos Mistérios, em Pompéia

A VILA DOS MISTÉRIOS

Virgem — dança — véu
Vênus alada chicoteando
minha esposa
ofereço frutas e cabritos
a Dionísio.
Ele me empresta sua voz e marca.
Virgem — dança — véu.
Eu me torno bode
— um civilizado bode —
possuído pela paixão
— a outra face
da moeda na minha boca —
sem qualquer dinheiro.
E, bode, amo
cercado e afogado
no vermelho e na paisagem vermelha
— a flor partida,

ofertada rosa —
vermelhos civilizados olhos do animal.
Eu morro.
Virgem — dança — véu
círculo no ar
morro
em fornicção
acima e abaixo
da razão.



A Vênus de Willendorf

A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA

Pequena, pequena,
pequena mulher,
senhora pequena
de seios enormes.
Mãe das mães.
das mães das mães;
mãe da terra,
mãe-terra,
deusa-mãe.
Símbolo de nada
— sendo tudo,
símbolo de tudo
— sendo um nada.
Colmeia.
Grandes seios:
seios, orbes, gaias,
cheios de leite e mel.

Deixa a primavera entrar
deixa a primavera ficar
com suas flores
para sempre:
fertilidade, comida, animais, sementes.
Deixa-me estar vivo
para cantar suas músicas
e ser parte de sua sagração,
com pombas e corças,
peixes e crianças
jovens, moças e rapazes.
Primavera para sempre

em meus olhos, em minha boca,
em minha língua, em minha carne.
Em mim, em meus filhos
e nos filhos de meus filhos;
para sempre, mãe-terra.



Cappella degli Scrovegni, em Pádua

AZUL DO CÉU

Pelas mãos de Giotto,
como João Batista batizou no rio,
a pintura foi batizada
e apresentada no templo.
Anunciada pelo simples,
a pureza da beleza vai
para as mãos e os rostos
dos seres humanos e
— embora pareçam sonhar —,

cheia de estrelas, sobe
ao azul mais azul.
Um azul do qual apenas alguns pintores
e alguns santos ouviram falar.



Sirènes, de Vieira da Silva

SOBRE UM QUADRO DE VIEIRA DA SILVA: AS SEREIAS

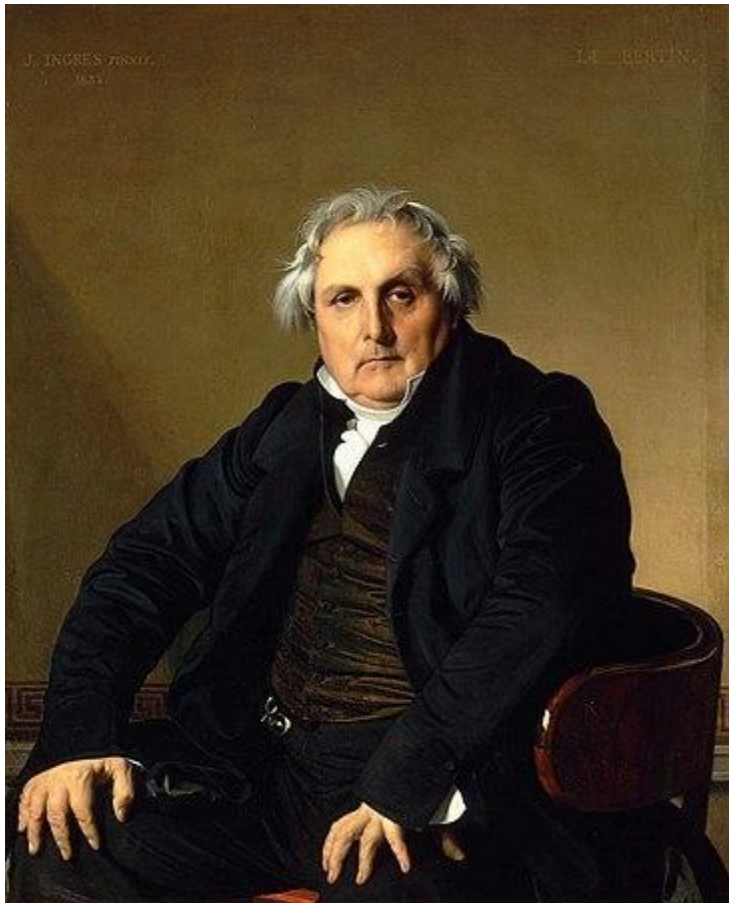
Na Criação, indo de volta, de noite, amanhecendo ou quando
já não houver mais tempo, há sempre abismos... sereias.
Num momento parou a respiração a sereia que anda... a noite.
O corte. O bolor da mão... o contrário do sono. Nela fina tessitura
trabalhava nele antes de ocultados. Pelas ruas gritam as sereias
onde a velocidade escorre a vida. Sangue. Silêncio... sereias.



A Proa de Samotrácia

PROA DE SAMOTRÁCIA

Se manda o coração vai firme o leme;
mas quando o pensamento vem à proa
e junto ao coração aponta o mar
o barco então parece até que voa.



Quadro de Ingres

O BURGUE DE INGRES

O coração devia diminuir
a cada aperto.
O desse indivíduo aumenta.

Passou muito mundo
fazendo coração maior.
Tem de sentir pena
dos que, além de pobres,
têm pouco coração.



A Jangada do Medusa, de Gericault

O MEDUSA

Tábuas no mar.

Na praia morrem as palavras
trazidas pelos pássaros
ou pelo mar.

(Os mortos deitados na cama ao lado.
Os mortos deitados dentro de nós).

Enquanto na vida
as pessoas nascem e morrem
como as ondas.



Acrópolis de Atenas

ACRÓPOLIS DE ATENAS

Ce toit tranquille, où marchent des colombes.

PAUL VALÉRY, *LE CIMETIÈRE MARIN*

A rocha que sentem nossos pés
é branca, cor de rosa, mármore macio.
Duro mármore, feito macio
por viajantes, andarilhos,
peregrinos.

Aqui ouvimos o discurso
de Péricles em honra daqueles
que tinham morrido lutando
por nossa cidade.

Um pouco acima, o templo,
e no seu alto
cavalos e cavaleiros vivos
na pedra, em procissão.
O grande templo, perfeito.
Pombas voando
e, à distância, o mar.
O templo, tão perto dos vastos céus.
A cidade se espraia em ondas
sob nossos pés.

À distância, longe, ao fim das duas tão longas
muralhas, nosso porto Pireus
Daqui o persa imperador Xerxes viu ali

(depois de pensar ter ganho a guerra),
sua imensa frota ser destruída
— sem nada poder fazer.

Aqui, ali, nesta colina de mármore cor de rosa,
pequenas poças de água transparente;
caramujos com suas pequenas casas,
flores amarelas, ali, aqui...

Enrugado e macio mármore cor de rosa
pedra-chão tão alto
como na beira do penhasco bate o mar
no alto da alta colina
batem as ondas da perfeita beleza:
nada em excesso.

Poças d'água (choveu, apesar do céu todo claro);
pardais, nelas brincando bebendo e se banhando.
Algum capim, algumas pequenas e perfumadas flores
no chão de mármore macio cor de rosa.

Este chão tranquilo onde caminham as pombas...



O Partenon, em Atenas

O PARTENON

No morro de minha cidade
o prédio de meu acreditar,
leve no pesado mármore,
leve nas imensas colunas,
nos altos-relevos, nas esculturas,
nos cavalos ardorosos da procissão.
Alto em meu espírito.

Busca da perfeição,
perfeição alcançada.
No céu — o céu.
Nada que exceda
a simples beleza.
Busca da excelência,
tão alto alcançada.

Nada que exceda.

Mármore e luz:
essa é a casa de uma deusa.
Uma deusa de olhos garços.

Nesta terra, os deuses são homens
e os homens, deuses.



O Templo de Artemis

O TEMPLO DE ÁRTEMIS

Do templo de Ártemis,
uma das sete maravilhas do mundo,
uma grande coluna foi deixada
de mármore branco.

Capim por toda parte,
um burro, uns gansos,
um bando de galinhas
inocentes ciscando o que encontram.

Soldados com capacetes verdes e rifles, meio largados,
talvez sentinelas
do quartel ali adiante,
cerca de arame farpado enferrujado,
pedaços de madeira caindo.
Ditadura
em país pobre no mundo de hoje,
igual nos vários lados
do cubo azul.

Um dia explicou um general
(num dos outros lados do cubo azul)

que os lados do cubo que não vemos
não existem
(e mandava bater muito
se diziam que existiam).

É que quando escurece os morcegos voam.
Não apenas as corujas levantam vôo ao anoitecer,
quando os patos foram se deitar.

No alto da coluna, uma cegonha fez seu ninho.
— E o animal sagrado
encarregado da memória das coisas,
cuidadosamente, pouco a pouco,
termina, com suas fezes, a sua destruição.



Artemis de Éfeso

EX-VOTO PARA ARTEMIS DE ÉFESO

Teus seios são dois filhotes de corça.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS 7.3

PARA ARTEMIS .

Me dá o mel do amor.
Esperei a vida toda
para ser coberto de ternura.

Abre as veias de teu seio branco
na noite escura.
Afasta a morte
com o gesto de pintura.

Me dá riachos e pombas
e me cobre com leite.

Me dá o mel do amor

de todos os teus
vinte
seios.



Mosaico em São Marcos
OS MOSAICOS

O mosaicista anônimo de São Marcos
sabia o exato número necessário:
tantos quantos os becos e as pontes.
O preciso número de pedrinhas:
tantas quantas enchentes, águas-altas.
O infinito número de tons:
tantos quantas as ondas do mar,
tantos quantos os dias que virão.

Não os do tempo do poder sem freio.
Não os dos homens mortos em Seu nome.
Mas os da vida eterna que espera
em cada pedra mínima, luz e sombra
contidas no segredo mineral
— refletidas pelos raios da manhã.



Pássaro, de Virgílio

CANTO

Enquanto houver um sopro em minha flauta
a vida cantará e a morte não.
O canto voará no meu ouvido
falando de amor e de revolta;
dos pássaros, do mar e do azul,
do espanto de existir, do horizonte
e do milagre da vida que ficou;
da terra sempre linda, mas distante,
e chão distante da vida que passou.

FIM